

José Calasans, Patrono de Canudos¹

Edivaldo M. Boaventura
Professor da Universidade Federal da Bahia
e diretor-geral de *A Tarde*.

RESUMO

José Calasans Brandão da Silva centrou a sua vida de professor e acadêmico em Canudos, Antônio Conselheiro e Euclides da Cunha. A sua contribuição foi pioneira abrindo uma nova linha de abordagem que resultou em inúmeras publicações e contribuições utilizando depoimentos dos sobreviventes e descendentes, como história oral.

Abstract

José Calasans Brandão da Silva centered his academic and teaching career in Canudos, Antônio Conselheiro, and Euclides da Cunha. His contribution was innovative, it started a new approach which resulted in various publications and contributions using the survivors and descendents' testimonies, as oral report.

¹ Palavras quando da inauguração do Auditório José Calasans, no Memorial Antônio Conselheiro, Canudos (BA).

² Words when José Calasans Auditorium was inaugurated, in Antônio Conselheiro's Memorial, Canudos (BA).

Quis o diretor do Centro de Estudos Euclides da Cunha, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Luiz Paulo Almeida Neiva, inaugurar o Auditório José Calasans, no encerramento da 9ª. Semana Cultural de Canudos, em 27 de outubro de 2001. Convocou-me para fazer a oração oficial. Aceitei com muito agrado. Por coincidência, estou vindo da homenagem que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro prestou ao estudioso de Canudos, nessa mesma semana, no dia 24 de outubro. Confirma-se mais uma vez que outubro é o mês de Canudos. Agradeço o convite. Agrada-me falar do professor, colega de universidade, confrade da Academia de Letras e amigo.

José Calasans nasceu em 14 de julho de 1915, em Aracaju, e veio, em 1932, portanto com 17 anos, para estudar, na Faculdade de Direito da Bahia. Diplomado, retornou a Sergipe. Depois de algum tempo, voltou a Salvador, fixando residência, onde exerceu no magistério uma brilhante carreira. Soube desenvolver, como historiador e folclorista, uma cultura imantada na curiosidade intelectual, guardada no reduto de uma prodigiosa memória, e processada na trajetória, da Universidade Federal da Bahia, principalmente na sua Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Cultuou a história, cultuou o folclore e cultuou preferencialmente os sertões euclidianos da Bahia. Centrou sua temática na figura de Antônio Conselheiro. Conhecia e muito admirava Euclides da Cunha que, muitas vezes, confrontou-o com novas pesquisas. Conhecedor da literatura histórica pertinente, buscava na história local o depoimento dos últimos participantes da saga de Canudos. Calasans e Canudos é uma associação natural. A sua contribuição intelectual expressa em inúmeros ensaios mudou a visão do Belo Monte porque muito acrescentou com os seus achados em um contínuo processo de investigação. Escreveu o livro sobre os sertões do Conselheiro em inúmeros ensaios, artigos, palestras e notas. Destacava Canudos, o fato; Euclides da Cunha, o cronista; e Conselheiro, o herói. Tudo como se fora um triângulo.

Ressalto, nessa homenagem por mais breve que seja, a sua fidelidade a Sergipe. Embora tendo vindo morar na Bahia, casando-se em Salvador com dona Lúcia Maciel, permaneceu sempre muito ligado à sua terra. Foi pai tanto em Sergipe, como na Bahia, um filho em cada Estado. Recordo um delicioso ensaio *Temas da província*, velhas páginas que falam do ensino normal, do cancionero histórico e do governador Fausto Cardoso. Pensou em escrever a biografia desse eminente político sergipano. Não o fazendo, legou-nos um significativo ensaio sobre político que deu nome a uma rosa. Calasans jamais deixou o seu *terroir*. Começou o magistério e a pesquisa histórica em Aracaju e ensinava pela palavra, conversando como quem conta história para crianças. E essa sua peculiar maneira encantava jovens, adolescentes e adultos. Todos gostavam

de ouvi
inteligê

En
pesquis
de And
históric
Nacion
por exe
No Co
deu-se
livre o
da Can
em seg
Federa
de apr
alunos
foram
espont
leitura
conver
da Fac
acadêm

Jul
vezes c
guerra
sua pro
Antôni
é o seu
Se exis
espont
vocaçã
Histór
um esp
cinco c
moça t

de ouvi-lo. Além de saber conversar, entretinha na plenitude da graça de sua fantástica inteligência verbal.

Ensinou na Escola Normal Rui Barbosa, na capital sergipana. Ao mesmo tempo, pesquisou no Instituto Histórico e Geográfico e colaborava com Rodrigo Melo Franco de Andrade e Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho, chefe do distrito do patrimônio histórico e artístico, na Bahia. Depois de ter se mudado para Salvador, dirigiu o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e ensinou em vários colégios secundários, por exemplo, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, da professora Anfrísia Santiago. No Colégio Antônio Vieira, dos jesuítas, foi meu professor de História, em 1953. Assim, deu-se o nosso primeiro encontro. Naquele mesmo ano, prestou concurso para docente livre com a tese: *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro: contribuição ao estudo da Campanha de Canudos*. Seguiu-se a cátedra de História, na Faculdade de Filosofia; em seguida, ingressou na Faculdade de Ciências Econômicas, ambas da Universidade Federal da Bahia (Ufba). Mas foi nessa Faculdade de Filosofia que armou a sua tenda de aprendizagem contando sempre com inúmeros amigos professores e dezenas de alunos. A Ufba, o Instituto Geográfico e Histórico e a Academia de Letras da Bahia foram os seus principais territórios de convivência, sempre presente com a palavra espontânea, sábia, elevada, fácil, atraente, agradável, culta, fundamentada em longas leituras e demoradas conversações. Mestre Calasans foi um formidável *conversant*. A conversa redonda ajustou-se perfeitamente à sua personalidade. De professor a diretor da Faculdade de Filosofia, alcançou a vice-reitoria e exerceu muitos outros encargos acadêmicos.

Julgo importante enfatizar a descoberta da problemática de Canudos. Conforme inúmeras vezes conversamos, até 1950, aceitava-se que Euclides da Cunha teria dito tudo sobre a guerra fratricida. Pois bem, ocupou-se inteiramente do tema e do problema. No conjunto de sua produção intelectual, centralizou-se na síntese cósmica em torno da figura messiânica de Antônio Conselheiro, Euclides da Cunha, dos sertões e do ciclo dos conselheiristas. Canudos é o seu núcleo temático, sua linha de pesquisa, sua vida intelectual, sua paixão de estudioso. Se existem, nas nascentes, nas fontes cadentes da juventude, como olhos d'água que brotaram espontaneamente da terra, os estudos sobre o seu Sergipe, há, dando continuidade à sua vocação, a sua contribuição à história e ao folclore. Da tese de concurso, *Aracaju*, para História do Brasil e Sergipe, de 1942, aos estudos sobre o Conselheiro e sua saga, medeia um espaço com muitas ocupações. Experiências docentes e publicações enchem mais de cinco décadas, no magistério médio e superior. Enumeram-se o folclorista de *Cachaça*, *moça branca*, o professor de História do Brasil, o ensaísta euclidianista, o acadêmico assíduo

de excelente convivência, o dirigente do Museu Teixeira Leal e o biógrafo do banqueiro, político, deputado e ministro, reitor Miguel Calmon du Pin e Almeida Sobrinho

Confesso que muito do que aprendi sobre Canudos foi estimulado por Calasans. Recordo a nossa participação em uma das primeiras semanas realizadas, no Município de Canudos. Em 1991, sintetizou as três Canudos: a primeira destruída pelo o fogo; a segunda submersa pela água do açude; e a terceira erguida em Cocorobó, que é a atual. Quando criei o Parque Estadual de Canudos, em 1986, contei com ele e mais ainda na consolidação desse sítio histórico-militar em pleno semi-árido baiano.

Em 1997, nas comemorações do centenário da guerra de Canudos, o trabalho do professor José Calasans Brandão da Silva adquiriu uma evidente significação, não somente pelo pioneirismo dos estudos canudenses, mas também pela contribuição notável de tudo que dissesse respeito a Antônio Conselheiro, a Euclides da Cunha e aos *Sertões*. Placa neste sentido foi colocada no Parque, exatamente, em 4 de outubro de 1997.

Gostaria de acrescentar uma palavra sobre sua obra. *Aracaju e outros temas sergipanos* foi reunida e publicada pelo governo de Sergipe. A produção sobre Canudos encontra-se dispersa. Integrá-la é um desafio e uma necessidade. Recentemente Paulo Emílio Matos Martins, em *A reinvenção do Sertão: a estratégia organizacional de Canudos* (2001) relacionou 37 títulos. Ao lado, existe a sua contribuição ao folclore e à história, como *A Revolução de 1930 na Bahia*, publicação que se liga ao Mestrado em Ciências Sociais e História. Em vida, deu à estampa *Cartografia de Canudos* (1999). Pensava em escrever um trabalho maior e mais sintético: “Os sertões do Conselheiro”. Mas enquanto não vêm reunidos os dispersos e não inéditos, o Centro de Estudos Euclides da Canha, da Universidade do Estado da Bahia, convidou o professor Marco Antônio Villa, da Universidade Federal de São Carlos, para organizar uma abrangente entrevista de onde saiu *José Calasans, um depoimento sobre a História de Canudos* (1998), em colaboração com José Carlos da Costa Pinheiro. Completou com a palavra escrita a exímia transmissão oral. Aí se encontra a sua obra de escritor consagrado, de historiador com inclinação para a cultura do folclore. E como era delicioso ouvi-lo repetir de cor versos e mais versos, poesias populares inteiras, histórias ritmadas pela cadência sertaneja!

Academia de Letras, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e de Sergipe, Universidade Federal da Bahia, destacadamente a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Conselho Estadual de Cultura, Senac, Clube Sergipano, Museu Teixeira Leal e colégios secundários onde ensinou tiveram o privilégio de contar com a liderança de cidadão

de ele
guarda
assidu
escrito
N
de ser
redes
home
singul
N
ovelh
fervor
A cid
Arian
escrit
inspir
S
lição
pela c
Dona
Silva.

de elevada cultura. Em especial, a Academia de Letras da Bahia, que tão bem presidiu, guarda a memória do companheiro comunicativo, atencioso e culto, o confrade de frequência assídua. Assinalava sempre a celebração do centenário de personalidade ilustre, fosse político, escritor e líder. Ele possuía gosto e talento para comemorar data e evento.

Neste mês de outubro, mês por excelência de Canudos, de romarias e peregrinações, de seminários e semanas culturais, que progressivamente celebram a tragédia e redescobrem o legado, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro presta a sua homenagem ao sócio correspondente e atento que enriqueceu a historiografia com a singular contribuição sobre a guerra fratricida de Canudos.

No coração da seca região nordestina, existe um país bíblico, que cultivava cabras e ovelhas, meio medieval, meio lusitano ainda, dramaticamente religioso, de gente fervorosa e esquentada e de terra promissora, plena de esperança, que se chama Sertões. A cidade capital é Canudos, que Antônio Conselheiro, padre Cícero, Euclides da Cunha, Ariano Suassuna, Berthold Zilly evidenciaram pela ação, pela luta e pela palavra oral e escrita. José Calasans é bem o patrono da pesquisa canudense e vai mais além quando inspira a construção da nação a partir de suas hinterlândias.

Somos agradecidos a Deus pela existência participativa de José Calasans, pela sua lição de História, pelo canto popular que tantas vezes repetia com extraordinária graça, pela obra que produziu e pela palavra que tanto construiu. Abraçamos saudosamente Dona Lúcia, recordando seu filho José, na presença de Maria Madalena Maciel da Silva, filha do nosso querido José Calasans.